

ENTREVISTA

RICARDO DE M. VIEIRA - INVESTIGADOR NO BIOISI

ACTA MÉDICA PORTUGUESA
STUDENT



BioISI
Biosystems and Integrative
Sciences Institute

Ricardo de M. Vieira nasceu em Lisboa, em 1992. Licenciou-se, em 2014, em Ciências Biomédicas no Departamento de Ciências Biomédicas e Medicina da Universidade do Algarve. Durante o período de formação, estagiou em diversas instituições científicas nacionais como o Instituto de Medicina Molecular (projeto “Impact of HIV-2 in the gut mucosa”), ITQB - NOVA/iBET (projeto “Lentiviral-based vectors for the development of stable cell lines as tools for HCV vaccine discovery”) e o CEVDI - Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (projeto “Flebovírus em Portugal: vectores, patogénese e co-infeções”), entre outros.

Posteriormente, ingressou no Mestrado em Investigação Biomédica com ramo de especialidade em Infecção e Imunidade, curso leccionado na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Nesta mesma instituição e sob a orientação científica do Professor Manuel Amaro dos Santos Rosa e do Professor Jack Strominger, prestou as provas de Mestrado com a apresentação da Tese intitulada “Phenotypic and Functional Characterization of Decidual Natural Killer Cells at Term Pregnancy”, projeto que desenvolveu no Departamento de Células Estaminais e Biologia Regenerativa, Universidade de Harvard, em Boston.

Iniciou a sua atividade profissional através do programa ERASMUS+, no Instituto Pasteur, em Paris, tendo regressado a Lisboa em 2018 onde aceitou funções como Bolseiro de Investigação no BioISI - Biosystems and Integrative Science Institute, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

ATUALMENTE, ESTÁ ENVOLVIDO NUM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO? EM QUE CONSISTE E QUAIS AS SUAS FUNÇÕES E ENQUADRAMENTO NA EQUIPA?

Sim, à data desta entrevista, tenho estado envolvido num projeto de investigação sob supervisão e orientação científica da Professora Margarida Amaral na área da Fibrose Quística (FQ). O meu plano de trabalhos como investigador assistente consiste em testar a resposta individual de organoides intestinais 3D provenientes de amostras primárias (biópsias retais) colhidas de pacientes diagnosticados com mutações raras associadas a FQ. Assim, pretende-se determinar ex vivo a melhor resposta a medicamentos (em fase de aprovação ou já aprovados para a clínica) moduladores da CFTR (Cystic fibrosis transmembrane conductance regulator), nos organoides de cada paciente com FQ com mutações raras da CFTR, numa abordagem de medicina personalizada. O objetivo último deste projeto é o de selecionar para ensaios clínicos os pacientes cujos organoides apresentam respostas significativas ex vivo.



QUANDO INICIOU ESTE PERCURSO NA ÁREA DA INVESTIGAÇÃO? QUAL O PRIMEIRO PASSO QUE DEU?

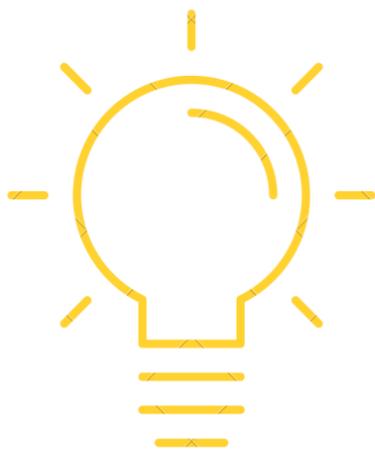
Acredito que o primeiro passo que tomei em direção a uma carreira científica foi ter optado pelo curso de Ciências Biomédicas quando ingressei na Universidade. Este curso, com uma boa componente prática, sempre me deu oportunidade de “experimentar” Ciência, mas foi com o projeto de dissertação de licenciatura, em 2014, no IMM - Instituto de Medicina Molecular | João Lobo Antunes que estive submerso num ambiente científico laboratorial, pela primeira vez.

PORQUE É QUE DECIDIU CONTINUAR ATÉ HOJE?

Ao longo do meu curto percurso profissional tive sempre a preocupação de estar envolvido em projetos de investigação pelos quais tivesse um grande interesse pessoal e profissional em saber mais. O facto de ter colaborado em projetos de diversas instituições científicas nacionais, ter feito a Tese de Mestrado na Universidade de Harvard, e começado a minha carreira profissional no Instituto Pasteur foram fatores que, sem dúvida, me motivaram e contribuíram para a perspetiva global daquilo que quero atingir enquanto investigador. Contudo, o desafio de atingir resultados com impacto na saúde pública (quer no desenvolvimento de vacinas ou na descoberta de novas e melhores terapêuticas no combate a infeções ou doenças congénitas, p.e.) sempre foi a minha maior ambição.

QUAIS OS CONSELHOS QUE DARIA A UM ALUNO, QUE ESTÁ A PENSAR INICIAR O SEU PERCURSO NA ÁREA DE INVESTIGAÇÃO?

É muito importante nivelar as expectativas desde o início. Uma carreira em Ciência é uma carreira de devoção e sacrifício. As motivações têm de ser altruístas. Temos de ter a capacidade de trabalhar em ambientes desafiadores e em constante mudança, com equipas multiculturais e com conhecimentos transversais. Tenho também de mencionar, infelizmente, que as condições salariais, em Portugal, não são as mais atrativas. Para o nível de compromisso pessoal e intelectual, e grau académico exigido, o retorno financeiro não é proporcional. E a precariedade laboral, a falta de apoios estatais em caso de uma não-renovação da bolsa de investigação e a não existência de oportunidades para contratos efetivos de trabalho de longa duração são fatores que muitas vezes levam os cientistas nacionais a procurar uma carreira no estrangeiro. Apesar disto tudo, é das carreiras mais equilibradas que conheço: o payoff é tanto maior quanto mais tempo e dedicação investirmos no laboratório.



QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O PAPEL DA INVESTIGAÇÃO NA NOSSA FORMAÇÃO? DE QUE FORMA PODERÁ SER MAIS INCENTIVADO?

Acho que a investigação é essencial e em todas as áreas de formação. No contexto das Ciências da Saúde/Biomedicina ainda mais, porque acaba, muitas vezes, por ser onde os alunos põem em prática os conhecimentos teóricos que de outra forma se podem perder. Este contacto com o meio profissional “real” deve ser incentivado desde cedo, até para os alunos se sentirem integrados no ambiente profissional do qual irão, mais tarde, fazer parte. Reconheço que, em Portugal, os laboratórios de investigação são geralmente bastante recetivos a receberem alunos para períodos de estágio ou para realizarem as Teses curriculares, o que é positivo, claro. Mas, por defeito, nunca são remunerados e a figura do Mentor é algo que não costuma estar bem definido e os alunos perdem a full picture do trabalho que estão a desenvolver e do seu impacto, algo que acredito que pode ser melhorado.

QUAIS AS SUAS PERSPETIVAS FUTURAS?

Durante o período em que estive em Boston, acabei por também trabalhar como Teaching Assistant e a experiência não podia ter corrido melhor. Descobri que o contexto de sala de aula e ensinar é algo de que gosto bastante. E descobri também que nada melhor do que ensinar para continuar a aprender. Por isto, gostava muito de seguir uma carreira como docente universitário.



SE TIVESSE DE DESCREVER A ÁREA DE INVESTIGAÇÃO NUMA FRASE, QUAL SERIA?

A prosperidade da Humanidade, particularmente num período em que a verdade é permanentemente questionada, depende, ainda mais, do conhecimento adquirido através da Ciência.